

Sindicatos pedem que delegado seja mantido

Representantes de sindicatos patronais e de trabalhadores prestaram solidariedade, ontem, ao delegado regional do Trabalho do DF, Valério José Gonçalves, exonerado na segunda-feira à tarde por determinação do ministro do Trabalho, Murilo Macedo. Antes de entregar o cargo, na sexta-feira, o delegado dará uma coletiva à imprensa, fazendo uma retrospectiva dos três anos e meio em que desempenhou a função.

Às 15 horas, o presidente da Federação do Comércio do DF (e também presidente do PDS local), Newton Rossi, chegou à Delegacia Regional de Trabalho e foi saudado por Valério efusivamente, que agradeceu sua presença e o chamou de "meu querido líder". Junto com Rossi vieram os presidentes dos sindicatos dos Feirantes, José Alves Cardoso; do Comércio Varejista, Ney Carneiro; da Farmácia, José Aparecido Junqueira Guimarães; da Alimentação, Franklin Roosevelt de Oliveira; e dos Revendedores de Automóveis e Acessórios, Carlos Alberto Cunha.

O primeiro a falar, no gabinete do delegado, foi Nilton Rossi, que lamentou a exoneração de Valério e fez votos de que "Murilo Macedo repense a questão, já que foi ele próprio quem nomeou o delegado regional do trabalho, num gesto de confiança". Em seguida, Ney Carneiro expressou a necessidade dos apelos gerais serem atendidos pelo ministro do Trabalho, lembrando que, à época da indicação de Valério Gonçalves para o cargo, "todos fecharam em torno de seu nome, e jamais houve quem protestasse contra seu trabalho, uma vez que ele sempre aliou a justiça ao capital, considerando o empresário e respeitando o trabalhador".

Em nome do Centro de Estudos Afro-Brasileiros, Valdimiro de Sousa disse que "o movimento negro, como um todo, presta irrestrito apoio a um delegado que, além de descendente de africano, sempre soube honrar sua condição de negro e brasileiro". Ele pediu que o ministro, no caso da substituição efetiva de Valério, colocasse no cargo "um trabalhador também negro e igualmente honesto".

O último a falar foi o próprio delegado, que confessou estar comovido com "tantas manifestações de apreço", mas não quis tecer qualquer especulação sobre os motivos de sua exoneração. Tampouco os empresários quiseram falar sobre a decisão de Murilo Macedo que, segundo disseram, pegou todos de surpresa.

Já no hall do Ministério do Trabalho, às 16 horas, os 10 representantes de sindicatos de trabalhadores que foram levar um documento a Murilo Macedo só se preocupavam com os motivos da demissão de Valério, entre os quais apontaram a pressão de alguns setores patronais, o comportamento autoritário do Governo (que contrasta com a filosofia de trabalho de Valério) e a tentativa de recondução à DRT de um típico representante da classe empresarial.

Com a ausência de Murilo Macedo, que se encontrava em São Paulo e só retornaria à noite, os sindicalistas foram recebidos às 17 horas pelo se-

cretário-geral do Ministério do Trabalho, Geraldo Antonio Miné, que aceitou o ofício assinado por 23 entidades de trabalhadores, em que constava o protesto da Frente Intersindical de Brasília pela demissão do delegado regional do Trabalho e a preocupação que este fato trazia às classes obreiras.

"Não poderíamos deixar de estranhar a exoneração do sr. Valério Gonçalves, justo no momento em que expressivas categorias iniciam processo de negociação coletiva. Por isso, cresce a suspeita de que forças ligadas aos empregadores, as mais retrógradas, estão por trás da substituição do delegado regional do Trabalho", diz o documento.

O presidente do sindicato dos trabalhadores do Comércio, José Neves, considerou que "a exoneração de um profissional honesto, ainda que representante do sistema, é um ato de desrespeito aos trabalhadores de Brasília", e exigiu uma explicação por parte do ministro do Trabalho. Os demais presidentes de sindicatos também opinaram a favor de que "as decisões governamentais, que afetam os trabalhadores, passem pelo crivo destes". Consequentemente, disseram os sindicalistas a Geraldo Miné, "mais este ato arbitrário deveria ter sido evitado por nós".

Comprometendo-se a entregar o manifesto a Murilo Macedo o mais rápido possível, o secretário-geral do MTb explicou a todos que "em questão de cargo de confiança, o ministro faz o que achar melhor; põe e tira, segundo suas impressões". Mas asseverou:

"Nosso Ministério não vai deixar nenhuma categoria desassistida. Se preciso for, garanto aos senhores que o próprio Murilo Macedo vai mediar as negociações em andamento entre patrões e empregados".

O secretário-geral manifestou, igualmente, sua estranheza diante dos calorosos apelos para a recondução de Valério Gonçalves à DRT, "pois jamais presenciámos movimento semelhante, em Brasília, em favor de uma autoridade".

A saída do Ministério, os sindicalistas manifestaram a suspeita de que Murilo Macedo não voltará atrás em sua decisão. "mesmo porque ela encontra respaldo entre os patrões", disse um deles. Fizaram várias perguntas, entre si, que temem não serem respondidas pelo Governo: "E se as negociações com as empresas forem suspensas, ainda que temporariamente? E se não aprovarmos o novo delegado, por acaso Macedo vai exonerá-lo também?"

Um dos representantes de trabalhadores, que pediu para seu nome não ser divulgado, "a fim de evitar cisões internas", contou que a elaboração do documento para o ministro do Trabalho sofreu um longo processo de discussão porque "alguns entendem que basta pedir a recondução de Valério, mas outros, como eu, acham que já é hora de mostrar as condições de um Estado que termina por afastar dos cargos elementos que, de certa forma, servem aos interesses patronais, uma vez que conciliam, razoavelmente, os interesses entre as partes e evitam, assim, os impasses maiores".



Valério (ao centro) recebeu o apoio de todos os sindicalistas do DF